

PESQUISA EM EDUCAÇÃO: QUANDO SE É ESPECÍFICO?*

IVALDO VIEIRA
da FE/UNICAMP, FE/USP
e Fes/PUC-SP.

O tema deste ensaio é a especificidade do objeto da pesquisa em educação, cujo trato envolve meditações teóricas e testemunhos da prática cotidiana. Está claro que este tratamento do tema irrompe, em grande parte, de minhas experiências de pesquisador solitário e de orientador em mais de duas dezenas de trabalhos acadêmicos, distribuídos entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, muitos deles publicados em livros. É certo que o tratamento do tema recebe influência das atividades do pesquisador desacompanhado, que sustentou suas próprias pesquisas (mestrado, doutorado, livre-docência, livros e artigos), assim como ainda traz influência da participação em muitas bancas examinadoras de estudos da

mais variada natureza. E tal não seria, se fosse possível extirpar anos e anos de pesquisa universitária.

Meu propósito, portanto, circunscreve-se à pesquisa em educação realizada no interior da universidade no Brasil, sobre a qual tenho algo a dizer. Fora da universidade, apenas registro a passagem há anos por uma pesquisa em instituição particular, onde me foi aplicado regime de trabalho caracterizado pelo hibridismo, uma combinação do taylorismo administrativo com o darwinismo intelectual, em nome da maior glória da educação brasileira. Breves alusões a dados de meu currículo não correm por conta da publicidade, mas servem para indicar apenas que não se trata de neófito de anteontem.

* Ensaio apresentado ao Encontro Preparatório sobre Pesquisa em Educação, promovido pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, Subárea I, maio de 1988.

Essas considerações relativas à pesquisa em educação estão divididas em dois pontos: as condições da pesquisa universitária e o específico na pesquisa educacional.

CONDIÇÕES DA PESQUISA UNIVERSITÁRIA

a) Quem Faz Pesquisa

No âmbito universitário, quem faz pesquisa é professor ou aluno, e ao afirmar isto não estou acrescentando nada de novo no mundo. O aluno de graduação normalmente se dedica ao aprendizado, ou como se diz, à iniciação na pesquisa, quando existem meios para tal. Talvez excetuando uma ou outra escola particular, o aluno do curso de graduação na universidade acha-se com recursos imprescindíveis à pesquisa em certas instituições universitárias de caráter público. Nestas instituições, em princípio, há professores com mais disponibilidade de tempo, bibliotecas, laboratórios e outros equipamentos convenientes e atualizados para atender os alunos pertencentes à graduação.

Em termos de recursos destinados à pesquisa, há variações de uma unidade pública de ensino superior para outra, e até dentro delas mesmas, embora o comum seja apresentarem mais preocupações e melhores instrumentos para os alunos de graduação pesquisarem.

As unidades particulares de ensino superior voltam-se, quando se voltam, para a construção de salas de aula, para a montagem de laboratórios às vezes requintados, para a obtenção de equipamentos avançados e para a ampliação das bibliotecas (em particular dos espaços físicos), entendendo tais meios principalmente como capital imobilizado e não como veículos capazes de propiciar a pesquisa. Bibliotecas, equipamentos, laboratórios, nestes casos, são empregados de forma muito restrita, com intenção de não consumir o patrimônio representado por eles, quando afinal de contas ainda servem a alguma coisa. Não é raro que, em diversas unidades particulares de ensino superior, a pesquisa esteja confinada ao giz, ao quadro-negro, aos textos copiados comumente em xerox, em determinadas oportunidades até cedidos no original pelo professor que deseja trabalhar. Iniciação à pesquisa?

Há algum tempo alguém me observou que várias destas unidades particulares perpetuavam a exigência de novas obras. Outras delas, ao proporcionarem pouco mais do que isto, abrindo mais o acesso aos recursos para a pesquisa, gabam-se desta proeza como se ela não se integrasse no preço pago pelos alunos.

O aluno de pós-graduação e o professor universitário inserem-se igualmente nesse quadro exposto. O aluno do curso de pós-graduação, bem como o professor universitário, encontram normalmente mais e melhores meios para a pesquisa em determinadas universidades públicas. O ingresso do aluno na pós-graduação e a distribuição de bolsas de estudo devem ser temas de acurada atenção.

A seleção para cursos de pós-graduação tem produzido uma média bem representativa de alunos pouco empenhados e até inabilitados para a pesquisa, apesar de tal curso exigí-la. São amplos e variados os aspectos levantados na explicação desta média de alunos, desde fal-

ta de formação anterior até imperfeições do próprio curso de pós-graduação, gerando inclusive propostas para reformá-lo. Além de ampliar o número de alunos pós-graduandos, tal situação converte-os por vezes em permanentes caçadores de tema capaz de conduzi-los à pesquisa. Isto pode ocorrer, até mesmo, quando o aluno apresentou um projeto inicial durante a seleção, e é tido como cintilante professor.

Não vou asseverar que a distribuição de bolsas de estudo olvida os chamados "grandes temas a serem pesquisados", pois cairia em pecado e em injustiça na generalização. Afinal, entraria por beco sem saída, ao ter de demonstrar o que significam "grandes temas a serem pesquisados". Isto é real, mas um rosto preocupado, um bom amigo ou apresentador – nem sempre, é verdade – pode influir na distribuição. Resulta em que há pós-graduandos em certo número, muitas vezes professores paulistas interessados em assuntos indispensáveis, em visível e saliente desigualdade de condições de pesquisa perante seus colegas, tornando seu trabalho intelectual um ato sobre-humano.

Como alunos de cursos universitários onde existem condições de pesquisa, o que se tem feito com experientes professores de 1º e 2º graus de ensino, em termos de concessão de bolsa de estudo? Em anos de trabalho universitário, eu os tenho visto muito pouco, com condições de pesquisa.

O professor universitário em tempo integral geralmente está às voltas com elaboração de alguma pesquisa, se trabalha em universidade pública onde haja exigência dela. Nas instituições universitárias de caráter particular, mesmo em tempo integral, o professor somente pesquisará se ele próprio descobrir condições para tal. Deparei-me, ao longo dos anos, com vários professores em regime de tempo parcial ou em regime de turno completo, cujas atividades de investigação superavam em qualquer nível as dos professores em regime de tempo integral, pesquisando mesmo nas horas que haviam sido reservadas a outro fim. Quando me observo e também observo professores e alunos na universidade, chego a crer, sem fanatismo, que quem possui muito tempo na vida, pode acabar perdendo-o. Isto vale bastante quanto à necessidade de bem organizar o tempo de estudo, embora não valha como ataque ao regime de tempo integral, uma conquista fundamental para a pesquisa universitária.

b) Como se faz pesquisa

Não desejo explicar o processo de preparação de pesquisa, aqui não seria o caso. Prefiro aplicar a atenção em alguns aspectos deformadores da atividade investigante na universidade, tais como a redundância temática e analítica, o modismo e o proselitismo.

Bem sei que a universidade contribuiu e contribui com pesquisas de inesgotável valor científico e cultural, queiram ou não os seus amigos e inimigos. Para quem ingressou nela como docente, numa época de perseguições, de desconfiança e de falta de liberdade de manifestação de pensamento, a universidade tem percorrido os escabrosos caminhos da sociedade brasileira, também com manifestações de grandeza e de criatividade inclusive no campo da pesquisa. Com poucos recursos, há exem-

plos de investigações inovadoras ou não na universidade, num e noutro caso figurando exemplos memoráveis, quanto a seus resultados teóricos e/ou práticos.

Basta, porém, ler com constância diversas pesquisas universitárias para constatar-se a repetição de temas e de análises, de forma intelectualmente superficial e pobre. É como se, naquele momento, tudo estivesse começando, em fictício vislumbre de inovação, com pouco ou nenhum levantamento de estudos anteriores, não levando em conta a contínua acumulação de conhecimentos. Descobre-se o descoberto, sem ao menos acrescentar o calor da hora.

O modismo teórico dá ares de novo à investigação e normalmente substitui o quanto já se escreveu sobre o assunto, pela última palavra e pela(s) última(s) obra(s) lançada(s). A atualização bibliográfica representa elemento básico à realização de pesquisa, mas confiná-la nas obras recentes a respeito de certa matéria, bem examinada antes, não constitui procedimento plausível. E não ocorre algo diferente, quando se elegem algumas páginas ou algumas obras de autor consagrado, como a luz imorredoura e o guia geral da investigação. O discípulo desmerece o mestre de que diz precisar, por ignorar-lhe o conjunto de seus escritos e sobretudo seus limites. Há, no entanto, mestres muito tolerantes.

c) Por que se faz pesquisa

O nascimento de uma pesquisa requer a existência de uma dúvida ou de um problema relativo a certa área de estudo. Na universidade, alunos do curso de graduação, alunos do curso de pós-graduação e professores principalmente podem fazer investigações, devido à vontade de se aperfeiçoarem, à exigência do curso ou do regime de trabalho. Aliás, diversos professores universitários pesquisam não apenas por obrigação contratual, mas ainda para participar de projetos patrocinados por outras instituições, fora da universidade, colaborando com sua experiência. Neste particular, seria proveitoso o amplo acesso às conclusões de tais pesquisas, efetuadas dentro e fora da universidade, visando ao exame delas e à informação dos demais interessados.

O professor ou o aluno sem problema (tema) a ser pesquisado, apesar de obrigado a pesquisar, cria situação penosa. Ambos põem em risco sua posição, em especial enquanto docente ou pós-graduando, embora se saiba que uma questão para pesquisa não surge artificialmente. Ao contrário, ela carece de íntimo interesse.

O ESPECÍFICO EM PESQUISA EDUCACIONAL

a) Especificidade do objeto da pesquisa em educação

Deixei para esta etapa as considerações a propósito do tema central de meu escrito. Parece-me demasiadamente impróprio dizer algo acerca da especificidade do objeto da pesquisa em Educação, sem aludir às condições da pesquisa universitária em geral e, sobretudo, desta última em particular, no Brasil. Não reputo indispensável usar muitas palavras relativas ao tema central.

Em muitas oportunidades, as contendas e debates no campo educacional não passam de apreciação de falsos problemas, em razão da má utilização do método, da divergência metodológica e, acima de tudo, da ação nociva da ideologia e da alienação. É claro que tais embaraços são gerados historicamente.

Mas o específico na pesquisa educacional não consiste num falso problema. A especificidade do objeto da pesquisa em Educação encontra-se no processo de ensino, institucionalizado ou não, peculiar a cada grupo social. Este processo de ensino acontece no interior de uma sociedade, sofrendo as determinações sócio-históricas dela e também do grupo social onde se localiza. É possível afirmar que existem elementos comuns em determinado processo de ensino de uma sociedade, apesar de ele apresentar várias diferenciações de acordo com as condições do grupo social onde se dá.

O ensino pode fazer-se pela transferência de um certo saber, dentro de um grupo social ou de um grupo social a outro. A transferência, porém, estabelece simultaneamente repetição e inovação, afirmação e negação, crítica e autocrítica do referido saber. Ela sucede através da fixação de uma forma a um conteúdo, ou vice-versa, em conformidade com as situações sócio-históricas do(s) grupo(s), porque inexistem formas e conteúdos eternos e separados.

O ensino faz-se além disso por meio da definição de espaço de liberdade, que conceda não somente a transferência de algum saber sobre a realidade, mas ainda o exame cuidadoso desta realidade, construída pelo trabalho humano sobre a natureza e concebida de maneira desigual devido às distintas experiências históricas dos grupos. O processo de ensino, portanto, como objeto específico da pesquisa educacional, põe-se como processo privilegiado do campo cultural, reclamando tratamento analítico bastante singular, pois não se explica pelo simples fazer, nem pelo mero culturalismo abstracionista.

b) Do específico ao inespecífico em pesquisa educacional

O processo de ensino, objeto específico da pesquisa educacional, instala-se ao mesmo tempo como único e diverso, unitário em seus múltiplos aspectos. Sendo uma totalidade parcial ante a totalidade social, parte de um todo, o processo de ensino revela inúmeros ângulos dotados de riquezas inexauríveis, sujeitos à análise de vários ramos do conhecimento. Em seus aspectos histórico, filosófico, antropológico, sociológico, psicológico, administrativo, metodológico, econômico etc., o processo de ensino realiza-se, saindo do específico para o inespecífico.

O inespecífico elucida o específico, ou seja, o processo de ensino, que não se explica por si mesmo. No que diz respeito à pesquisa educacional, o estudo das muitas dimensões do processo de ensino *pode* colaborar com o desenvolvimento científico, assim como com o seu próprio e permanente esclarecimento. Mas é incontestável que a pesquisa educacional, e aliás qualquer pesquisa universitária, sofre o crivo de suas condições de produção no Brasil.